

## Quatro Poemas de Philip Larkin

### Tradução: ALÍPIO CORREIA DE FRANCA NETO<sup>1</sup>

#### CHURCH GOING

*Once I am sure there's nothing going on  
I step inside, letting the door thud shut.  
Another church: matting, seats, and stone,  
And little books; sprawlings of flowers, cut  
For Sunday, brownish now; some brass and stuff  
Up at the holy end; the small neat organ;  
And a tense, musty, unignorable silence,  
Brewed God knows how long. Hatless, I take off  
My cycle-clips in awkward reverence,*

#### A IGREJA INDO-SE...

Quando estou certo de que nada está ocorrendo,  
Eu entro, e se ouve um baque quando eu solto a porta.  
Mais uma igreja: bancos, panos, pedra, além dos  
Livrinhos; as juncadas secas, que se cortam  
Para o domingo; bronze e objetos a cobrir o  
Altar; um órgão impecável e pequeno;  
Silêncio tenso, de bolor, que salta à vista,  
Há muito fermentado. Sem chapéu, retiro —  
Genuflexão canhestra — os grampos de ciclista,

---

<sup>1</sup> Alípio Correia de Franca Neto é poeta, tradutor e doutorando em Teoria Literária e Literatura Comparada na Universidade de São Paulo, com o projeto "A Balada do Velho Marinheiro como representação artística da *revery* dos românticos".

*Move forward, run my hand around the font.  
From where I stand, the roof looks almost new —  
Cleaned, or restored? Someone would know: I don't.  
Mounting the lecter, I peruse a few  
Hectoring large-scale verses, and pronounce  
'Here endeth' much more loudly than I'd meant.  
The echoes snigger briefly. Back at the door  
I sign the book, donate an Irish sixpence,  
Reflect the place was not worth stopping for.*

*Yet stop I did: in fact I often do,  
And always end much at a loss like this,  
Wondering what to look for; wondering, too,  
When churches fall completely out of use  
What we shall turn them into, if we shall keep  
A few cathedrals chronically on show,  
Their parchment, plate and pyx in locked cases,  
And let the rest rent-free to rain and sheep.  
Shall we avoid them as unlucky places?*

Ando e na pia de água benta esfrego a mão.  
Vendo daqui, parece quase novo, o teto —  
Foi limpo, restaurado? Um outro sabe: eu não.  
Depois que subo até o atril, decifro certo  
Versículo imperioso, numa letra grande,  
E digo, sem querer, o “Aqui Termina” em tom  
De voz muito alto. O eco casquina um pouco. À entrada,  
De novo, assino o livro, dão seis *pence* da Irlanda,  
Concluo que não valia a pena essa parada.

Mas eu parei; e paro lá de vez em quando,  
Depois, acabo por pegar-me assim, confuso,  
Me perguntando o que buscar; me perguntando:  
Quando igrejas caírem em total desuso,  
Que vamos fazer delas? Pôr as catedrais  
Perpetuamente abertas a visita, expondo  
Pergaminho, pátena e píxide em vitrina,  
Com o resto grátis para a chuva e os animais?  
Vamos temê-las, como sítios de má sina?

*Or, after dark, will dubious women come  
To make their children touch a particular stone;  
Pick simples for a cancer; or on some  
Advised night see walking a dead one?  
Power of some sort or other will go on  
In games, in riddles, seemingly at random;  
But superstition, like belief, must die,  
And what remains when disbelief has gone?  
Grass, weedy pavement, brambles, buttress, sky,*

*A shape less recognisable each week,  
A purpose more obscure. I wonder who  
Will be the last, the very last, to seek  
This place for what it was; one of the crew  
That tap and jot and know what rood-lofts were?  
Some ruin-bibber, randy for antique,  
Or Christmas-addict, counting on a whiff  
Of gown-and-bands and organ-pipes and myrrh?  
Or will he be my representative,*

À noite, umas mulheres de moral suspeita  
Virão fazer os filhos pôr a mão em dada  
Pedra, colher ervas prum câncer, ou, à espreita,  
Já prevenidas, ver passar a alma penada?  
Uma força qualquer continuará em vigor  
Em jogos e em enigmas, como que fortuita;  
Mas a superstição — e a crença — vão ter fim,  
E o que restará quando a descrença se for?  
Céu, sarça, erva, pilastras, lajes com capim,

Uma forma a cada semana menos clara,  
Um fim mais obscuro. Fico me indagando  
Quem será o último, o último, de fato, a andar a  
Este local pelo que ele era; alguém do bando  
Que fuze e tome nota e saiba o que era o jube?  
O ébrio de ruínas, seco por antiqualha,  
Ou o viciado em natais, um dependente  
De baforadas de alva e estola, mirra e tubos  
De órgão? Ou mesmo um tipo que me represente,

*Bored, uninformed, knowing the ghostly silt  
Dispersed, yet tending to this cross of ground  
Through suburb scrub because it held unspilt  
So long and equally what since is found  
Only in separation — marriage, and birth,  
And death, and thoughts of these – for which was built  
This special shell? For, though I've no idea  
What this accoutred frowsty barn is worth,  
It pleases me to stand in silence here;*

*A serious house on serious earth it is,  
In whose blent air all our compulsions meet,  
Are recognised, and robed as destinies.  
And that much never can be obsolete,  
Since someone will forever be surprising  
A hunger in himself to be more serious,  
And gravitating with it to this ground,  
Which, he once heard, was proper to grow wise in,  
If only that so many dead lie round.*

Com tédio, inculto, vendo o lodo espiritual  
Disperso, mas cruzando o arrabalde e o mato  
Rumo a esta cruz de terra, que, de modo igual  
E tanto tempo, soube conservar intato  
O que, depois, só se separa — origem, morte  
E matrimônio, idéias tais — em honra ao qual  
Se ergueu tal concha? Pois, se ignoro por completo  
Pra quê o celeiro ornado e com bolor, conforta e  
Apraz deixar-me estar aqui, a sós e quieto;

É uma casa séria em terra séria, e ali, no  
Seu ar mesclado, as nossas compulsões se cruzam,  
Se reconhecem e disfarçam de destino.  
E tudo isso não pode cair em desuso,  
Visto que sempre vai haver alguém que um dia  
Se pegue ansiando ser mais sério, e assim termine  
Por gravitar para essa terra, que, conforme  
Ensinam, contribui para a sabedoria,  
Só pelo número de mortos que ali dormem.





*An air of baffled absence, trying to be there  
Yet being here. For the rooms grow farther, leaving  
Incompetent cold, the constant wear and tear  
Of taken breath, and them crouching below  
Extinction's alp, the old fools, never perceiving  
How near it is. This must be what keeps them quiet:  
The peak that stays in view wherever we go  
For them is rising ground. Can they never tell  
What is dragging them back, and how it will end? Not at night?  
Not when the strangers come? Never, throughout  
The whole hideous inverted childhood?*

*[Well, we shall find out.*

### **ESSENTIAL BEAUTY**

*In frames as large as rooms that face all ways  
And block the ends of streets with giant loaves,  
Screen graves with custard, cover slums with praise  
Of motor-oil and cuts of salmon, shine  
Perpetually these shaply-pictured groves  
Of how life should be. High above the gutter*

De ausência e frustração, tentando estar ali, não obstante,  
Estando aqui. Pois os salões se afastam mais e mais,  
Deixando o frio incompetente, o desgaste constante  
De sorver o ar, e os velhos, a agachar-se sob a crista  
Do alpe do fim, os velhos tontos, sem notar jamais  
Quão perto está. Talvez seja isso o que os mantém serenos:  
Em qualquer canto onde se esteja, o pico sempre à vista  
Para eles é subir o morro. Será que não vêem  
O que os arrasta para trás, e como acaba? Ao menos  
De noite, ou quando estranhos chegam? Nunca, no correr  
De toda essa execrável inversão da infância? Bem,  
Havemos de saber.

### **BELEZA ESSENCIAL**

Em molduras tão grandes quanto salas, e que dão  
Pra toda parte, obstruem o fim das ruas com pães enormes,  
Tapam covas com creme, cobrem com uma louvação  
De óleo e salmão os bairros, fulguram perpetuamente  
Os oásis em foto artística da vida conforme  
O que ela deveria ser. Acima da calçada,

*A silver knife sinks into golden butter,  
A glass of milk stands in a meadow, and  
Well-balanced families, in fine  
Midsummer weather, owe their smiles, their cars,  
Even their youth, to that small cube each hand  
Stretches towards. These, and the deep armchairs  
Aligned to cups at bedtime, radiant bars  
(Gas or electric), quarter-profile cats  
By slippers on warm mats,  
Reflect none of the rained-on streets and squares*

*They dominate outdoors. Rather, they rise  
Serenely to proclaim pure crust, pure foam,  
Pure coldness to our live imperfect eyes  
That stare beyond this world, where nothing's made  
As new or washed quite clean, seeking the home  
All such inhabit. There, dark rafted pubs  
Are filled with white-clothed ones from tennis-clubs,  
And the boy puking his heart out in the Gents  
Just missed them, as the pensioner paid  
A halpenny more for Granny Graveclothes' Tea*

A faca de prata se afunda na manteiga dourada,  
Um copo de leite se destaca numa campina  
E uma família estável, na atmosfera clara e quente  
De um dia de verão, deve o sorriso, até seu carro  
E sua juventude, àquele cubo pequenino a  
Que cada um estende o braço. Essas imagens, e cada  
Poltrona, as xícaras na hora de deitar, tubos claros  
(A gás ou elétricos) e gatos meio de perfil  
Perto dos chinelos num tapete macio  
Nada refletem das ruas nem das praças molhadas

De chuva que elas regem fora. Antes, se erguem, de um jeito  
Serenos, a proclamar a crosta pura, a espuma pura,  
A frieza pura aos nossos olhos vivos e imperfeitos,  
Fitando além deste mundo, onde nada salta à vista  
Tão novo, nada lava tão branco – olhos à procura  
Do lar que habitam. Lá, os bares com suas vigas pretas  
Estão cheios de tenistas vestindo branco, e certo  
Rapaz no W.C., botando o coração pra fora,  
Acaba de perdê-las, assim como o pensionista  
Paga mais no Chá Mortalha da Vovó pra que sintam



*To taste old age, and dying smokers sense  
Walking towards them through some dappled park  
As if on water that unfocused she  
No match lit up, nor drag ever brought near,  
Who now stands newly clear,  
Smiling, and recognizing, and going dark.*

**THIS BE THE VERSE**

*They fuck you up, your mum and dad.  
They may not mean to, but they do.  
They fill you with the faults they had  
And add some extra, just for you.*

*But they were fucked up in their turn  
By fools in old-style hats and coats,  
Who half the time were soppy-stern  
And half at one another's throats.*

Gosto de velhice, e fumantes moribundos ora  
Presentem que anda até eles, entre sombras dispersas  
Do parque, como se sobre a água, essa ela indistinta,  
A que não ilumina o fósforo, não arrasta a draga,  
Que há pouco se tornou nítida, e vaga  
Sorrindo, reconhecendo e escurecendo depressa.

**SEJA ESTE O VERSO**

Eles te fodem, teus queridos pais.  
É sem querer, só que a verdade é esta —  
Te enchem das culpas que tiveram mais  
E dão, só pra você, uma dose extra.

Mas eles se foderam com uns néscios  
De paletós e de chapéus à antiga,  
Durante o dia, piegas e perversos,  
À noite, se esganando numa briga.

*Man hands on misery to man.  
It deepens like a coastal shelf.  
Get out as early as you can.  
And don't have any kids yourself.*

Legamos dor aos nossos semelhantes.  
Como um recife, ela se crava fundo.  
Por isso, saia dessa o quanto antes,  
E nunca ponha filhos neste mundo.

O poeta e romancista inglês Philip Larkin (1922-1985) é considerado um dos maiores poetas ingleses do pós-guerra, e seu nome se liga aos poetas do assim chamado “The Movement”. As traduções que aqui se lêem fazem parte do livro *Menos enganados: oitenta poemas de Philip Larkin*, a ser lançado pela editora Iluminuras.